



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

29 de Janeiro de 2011 • Ano LXVII • N.º 1745

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



BEATIFICAÇÃO DE JOÃO PAULO II

Padre João

SUBITAMENTE, a tão feliz e desejada notícia da beatificação de João Paulo II. Uma notícia aguardada há muito, não só nos meios católicos, mas um pouco por todo o mundo. Não levou muito tempo a Igreja a reconhecer-lhe as «virtudes heróicas» e o milagre necessário para a beatificação.

Tendo nascido em Wadowice, diocese de Cracóvia na Polónia, Karol Wojtyła, era o seu nome de nascimento ocorrido a 18 de Maio de 1920. Perdeu a mãe era ainda menino, sucessivamente, o irmão mais velho e, por fim, o pai, tinha 22 anos. Viveu a sua juventude num contexto político e social difícil marcado pela invasão alemã à Polónia na II Guerra Mundial. Foi eleito papa a 16 de Outubro de 1978, tendo exercido um dos pontificados mais longos da história da Igreja. Morreu a 2 de Abril de 2005.

Alguém escreveu, sublinhando as linhas normativas do seu pontificado, que João Paulo II é um homem do Concílio Vaticano II, na sua doutrina, na sua concepção do mundo, na sua pastoral. O seu modelo de Igreja é o que está consignado na *Lumen Gentium*. A sua liturgia é a *Sacrosanctum Concilium* e a sua pastoral social é da *Gaudium et Spes*.

Grande devoto de Nossa Senhora, por três vezes, visitou o Santuário de Fátima, tendo numa delas presidido à beatificação dos pastorinhos Jacinta Marto e Francisco Marto. O seu brasão e lema pontifício — *Totus tuus Maria* — ostentam bem a sua devoção mariana. Trata-se de uma imensa confiança na Virgem Maria — Sou todo teu Maria. O amor pastoral à juventude foi um marco determinante do seu pontificado. As suas deslocações pelo mundo fora e também a Portugal foram grandes ocasiões de florescimento vocacional à vida sacerdotal, religiosa, missionária e laical.

João Paulo II não se cansava de propor aos jovens, de forma atracente e adequada, a pessoa de Jesus Cristo tornando-se um verdadeiro modelo de pastor na tarefa da evangelização.

Na primeira visita efectuada a Portugal em 1982, ficaram gravadas na memória de todos os que participaram na missa, celebrada por ele no Parque Eduardo VII em Lisboa, as suas palavras de afecto e ternura pela juventude: «Vós sois aliados naturais de Cristo para a evangelização... Não pode haver evangelização sem entusiasmo juvenil». Ele era o papa da juventude. Muitos reconheceram que aquela celebração foi uma experiência de fé única e inesquecível. O olhar do papa e o seu sorriso marcavam profundamente.

João Paulo II foi também um grande testemunho de coragem no meio da doença e do sofrimento; ele próprio atingido pela doença de Parkinson. Nunca ocultou nem se temeu de mostrar ao mundo essa fragilidade física que o tornou modelo de fé e de esperança.

Nesta beatificação apreciamos mais uma proposta eclesial de identificação com a santidade de Cristo a que todos somos chamados.

Tal como a beata Madre Teresa de Calcutá e o beato Papa João Paulo II, imploramos que, para glória de Deus e bem das almas, um dia, não muito longe, Padre Américo seja incluído também nos seus eleitos, pelo amor que nutriu pelos mais pobres, e que tão bem soube inculcar, com rara genuinidade na igreja e na sociedade em Portugal. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

A Escola deveria ser um tema interessante para se falar, reflectir, sonhar! Deveria, mas actualmente não é.

Foi um dos elementos básicos do sonho de Pai Américo para a formação dos nossos Rapazes e das nossas Casas. A Capela, a Mesa de jantar e a Escola, o tríptico em que se alicerçava a pedagogia da Obra, para se desenvolver a construção do homem em cada Rapaz.

Se aos dois primeiros elementos vamos dando vida, com o nosso trabalho, a ajuda de Deus e dos nossos Amigos, em relação ao elemento Escola tudo se tem tornado cada vez mais difícil, insequente e desinteressante.

Se isto é verdade para nós que sentimos e sabemos da sua importância para a formação dos Rapazes, também neles se percebe facilmente no que Ela se tornou: um local normalmente desejado por motivos que não aqueles para

os quais a Escola existe.

De modo que, oferecida que está a chegada à meta com esforço ou sem ele, com ou sem valor acrescentado no saber de cada um, é obvio que só quem corra por gosto poderá tirar proveito, ao invés do que faça o mesmo percurso em ritmo de passeio. Em ambiente assim é difícil ter motivação, e mais difícil ainda comunicá-la.

Nunca me agradaram as metas oficiais da escolaridade obrigatória, mas sempre me agradaram as propostas de dar oportunidades que, não sendo novas deveriam ser de sempre. Dar oportunidades e dar meios para as concretizar; tantos que as tiveram, e delas tiraram proveito mesmo com meios escassos e obtidos com grande esforço.

Se até à chegada à meta o ambiente é assim, do que se lhe segue nem é bom pensar.

Há uma mulher pobre que frequentemente nos visita, e que por

sofrer outra pobreza sua, costuma dizer: «é muito triste não saber ler!» Eu ouço, e embora não seja capaz de sentir esta tristeza, sinto outra por aqueles que vejo não terem desejo de aprender.

Embora nos sintamos coxos do lado escolar, há pequeninas luzes que se vão acendendo, dando sinais de curiosidade e de gosto em aprender. O Júnior e o António são duas dessas luzes. Só espero que os deixem continuar a ter esse gosto, e não lho tirem com as propostas de facilidades que andam por aí no ar.

A nossa vida é toda ela uma escola. Os Rapazes gostam de viver, de empreender, de mexer. Há dias ao Júnior vieram-lhe as lágrimas aos olhos porque o Sabino que está connosco há menos tempo que ele, por ser mais velho, foi chamado a servir às mesas e o Júnior não gostou: «Eu vim para cá antes dele. Era eu a servir!»

Entre nós, oportunidades não faltam para se aprender. A servir também se aprende! □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

COMEÇO este relato com carta escrita a 8 de Dezembro: «*Fulano, escuto a voz do Altíssimo através dos testemunhos e confidências n' O Património dos Pobres. Obrigado!*

Unindo-me ao grupo de leitores e amigos, sofrendo e renunciando às apetecidas compras de Natal — Pecado grande para quem não tem pão, junto o cheque de quinhentos euros (...). Rezo todos os dias pelos sacerdotes e, em especial, pelos Padres da Rua. Rezo por si, Padre Acílio, à Imaculada Conceição.

Fico-me por aqui na citação desta carta. Ela, como tantas outras, manifestam que o Reino de Deus está vivo no meio dos Homens, na expressão de Jesus!

Os meus correspondentes não vivem a fé de qualquer forma ou como quem joga na sorte. Não sei se é, se não. Eles sabem, eles acreditam que Jesus encarna nos Pobres, sobretudo nos mais sofredores. Têm certezas. Por isso se abrem, renunciam, sofrem e comungam. As suas cartas são alavancas, lenitivo e ânimo!

Vinte euros, da Fátima, de Sesimbra. Vinte e cinco, da Maria Adelaide e da Otilia, de Faro. Quarenta, da Maria Fernanda, do Porto. Cinquenta, de quem já deu todo o seu ouro para os Pobres, de Arouca; da Maria Susana,

mensalmente, de Portalegre; da Alda; da Maria José e da Margarida, ambas do Porto. Setenta, da Maria Ester e da Maria Emília.

De gaiatos antigos 100+150€+150€+100€+100€. Que Deus me perdoe! Ninguém me leve a mal. São esmolas muito saborosas, as dos gaiatos.

Lisboa vem na lista com cem, da Maria Manuela, duas vezes, e a assinante 75608, com idêntica quantia. Mais um advogado, um padre de Nova York a falar-me dos Pobres daquela cidade e do seu repartir com eles. Maria Helena, de Aveiro; e do Manuel, de um lar de Leiria. O João, de Mira, não falha com cem, todos os meses e, pelo Natal, mandou 150. De Mira, ainda, também um grupo que rezou o Terço durante o mês do Rosário, foi juntando, aos poucos, num cestinho, junto da imagem de Nossa Senhora e enviou duzentos. Mais, cem, de Santa Marta de Penaguião, do Alfredo, da Covilhã, e, mensalmente, do Afonso, de Coimbra, de Granja do Ulmeiro e da Dolores, do Porto, a confidenciar que «*após sete anos da morte da mãe quis levantar os ossos dela para os juntar aos do pai e não o pode fazer, porque as suas mãos estavam intactas. Eram as mãos que serviram (...) para ajudar muitos necessitados.*

Como a lição das obras permanece viva na alma dos filhos!

Cento e cinquenta, de Aguiar da Beira. Alguém, marcado pela fé do Padre Fonseca da Auto Construção. Os leitores recordam-se?

Idem, da Fernanda de Caxias, de Valadares, em vale, da Ramada, do Seixal, da Fernanda Girão, de Coimbra, e da Quinta do Conde.

Outra vez Seixal com 140. Duzentos, de Canas de Senhorim, de Oeiras, Lisboa, Maria Teresa, do Porto, Ermelinda, de Alcabideche, e Maria Adelina, de Sesimbra. Duzentos e cinquenta, do César, de Macedo de Cavaleiros, e Irisalda, de Castelo Mendo, Margarida, de Torres Novas e Alfredo, da Amadora, que pelo Natal enviou também o dobro. José Manuel, da Maia, da Maria Idalina, do Porto, de um padre do seminário de Alcains e de outro de Barcelos.

Oitenta, de Isabel Maria de Lisboa. 110, da Maria Luísa, de Rio de Mouro e mais 220, de um casal amigo, de Cascais.

De São Pedro do Sul, 300. O mesmo de Pêro Pinheiro, de Paço de Arcos, de Coimbra, da Joaquina de Santa Luzia e o dobro da Maria Cristina, de Lisboa.

Faço parágrafo em Ponte de Vagos, com uma carta admirável: «*Nesta quadra de Natal envio quinhentos euros das economias*

Continua na página 4

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo



Agradável remanso da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo

AGROPECUÁRIA — Como era necessário, nesta época de repouso vegetativo, tem-se andado a podar. Assim, podaram-se as latadas de uvas de mesa, dos kiwis, as fruteiras e outras árvores do pomar e nos jardins. Cortaram-se ainda os arbustos do largo da nossa Capela. Com o abrandamento das chuvas e as temperaturas baixas, vão-se cortar as ervas daninhas dos nossos campos, lavrá-los e semear aveia para palha.

Em Janeiro, alegrámo-nos com as nossas ovelhas; pariram vários cordeiros, nos currais, em que se pôs palha para estarem mais aconchegados.

CONCERTOS — Tem-se continuado a arranjar as velhas instalações eléctricas da nossa Casa, em especial as zonas das roupas e dos gados. As facturas têm sido muito pesadas...

QUARTOS — À residência universitária da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, fomos buscar mobiliário usado que foi colocado nos quartos do rés-do-chão e do 1.º andar, ficando assim melhores. Bem hajam!

LAREIRA — A nossa lareira, na sala de convívio, é uma atracção forte nas estações frias. Alguns exageram a aquecer-se e depois tosse muito. É pena que no refeitório se sintam frios.

AVALIAÇÕES ESCOLARES — No princípio de Janeiro, foram recebidos os resultados das avaliações do 1.º Ciclo (da nossa Escola EB1), do 2.º e 3.º Ciclos (da Escola EB 2,3 de Miranda do Corvo) e do Secundário (de algumas Escolas de Coimbra). O panorama geral é suficiente, mas podia ser melhor. Vários estudantes de Coimbra têm faltas e houve negativas. Ainda estão a tempo de se agarrarem ao estudo.

DESPORTO — O futebol é rei, entre nós, quer no campo de ténis quer no campo grande, depois das actividades escolares e obrigações, em especial ao Sábado e Domingo. Da Figueira da Foz chegou-nos uma mesa de matraquinhos, que gostamos e agradecemos.

VACINAS — Tem sido levada à risca a vacinação da malta, no Centro de Saúde, ficando assim em ordem, pois isto é muito importante para a nossa saúde.

LAR DO GAIATO DE COIMBRA — A esta nossa Casa, para os Rapazes que estudam em Coimbra, na Travessa Padre Américo, também chegaram na quadra natalícia vários gestos de partilha e amizade. Muito obrigado! □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

DIZER NÃO — Chegou-nos, há dias, o pedido de ajuda, vindo de uma freguesia vizinha, para um casal na casa dos 50 anos e pouco, sem filhos em casa, que está há alguns meses sem pagar a renda de casa. O casal pedia para vir para uma das nossas casas, do Património dos Pobres. Fomos lá ver o caso com um Vicentino dessa freguesia. Embora soubéssemos o lugar onde o casal morava, demorámos a encontrar a casa onde habita. Era pouco conhecido por lá. Apesar disso, pelo caminho, conseguimos ir tirando algumas informações pouco abonatórias. Finalmente demos com a casa certa. O marido apareceu-nos. Disse-nos que estava reformado, bem como a mulher e que, em conjunto, recebem reformas que perfazem cerca de 500 euros. O problema, segundo o marido, é que tanto ele como a mulher são doentes, gastando-se tudo em remédios, na renda da casa e na alimentação. No entanto, pelo que pudemos saber ainda sobre para viajar de carro com relativa frequência, e ir ao café também com frequência, para além doutras coisas que não devem ser aqui relatadas. Sinceramente, por tudo o que pudemos apurar com o Vicentino do local não nos pareceu que fosse caso merecedor da nossa ajuda. Esta deve ser complementar e estimuladora daquilo que cada pessoa e família ajudada podem e devem fazer para melhorar a sua vida.

Deus nos perdoe se nos enganamos.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

Pelos CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — Para ganhar apetite para as batatas com bacalhau, bem como para todas aquelas lambarices, realizamos um jogo com um grupo de Amigos do nosso Antigo Gaiato «Balão» que, mesmo no dia 24 de Dezembro, resolveram trazer imensas lembranças à Casa do Gaiato, e no fim, claro! — aquele derby. Tudo correu bem. Não porque estivéssemos na quadra natalícia, mas, porque faz parte da nossa maneira de ser e de estar, respeitar sempre quem nos respeita.

Foi um dia de festa, como todos puderam ver através da televisão, dos jornais e da internet. Os Rapazes andaram a passear e a fazer rali nos carros de alta cilindrada — quem «pagou as favas», foi o campo da bola. Prendas não faltaram; carinho e compreensão estavam na ordem do dia. Os Amigos do «Balão» foram impecáveis para com a Casa e para com os Rapazes. Bem-haja.

Em relação ao jogo propriamente dito, não podia ter corrido melhor. Eles inauguraram o marcador com um grande golo. Nós fizemos o 1-1

e o 2-1, por intermédio de Joaquina — que esteve muito egoísta; os Amigos do «Balão», voltaram a empatar, e nós, nos casos de emergência, tiramos o António Pedro da baliza, colocamo-lo a ponta-de-lança e, deixamos o resto por sua conta e risco. Mais uma vez sortiu efeito! Resultado final: 3-2, com o respectivo golo de António Pedro.

* * *

«Correu voz que a senhora dera ordens aos cozinheiros para perseguirem e abaterem os garnisés. Duas razões: A primeira, a mais séria, é que eles dão coça nos dois galos de raça, pelo que estes andam fugidos e a sangrar. E a segunda, mais velada, é que a senhora vê na presença deles, garnisés, um prejuízo...» — Pai Américo.

Realmente, aves assim, não devem fazer parte do grupo. Antes que escorçassem tudo e todos, a senhora fez bem em os mandar retirar. Quando eles não querem ou não sabem con-

viver, de facto, estão a mais! Ora, o nosso André «Garnisé», não está a mais; no nosso Grupo Desportivo ninguém está a mais, mas antes que seja tarde... vai descansar, até aprender a cantar sem ser de galo! Nós queremos sempre o melhor para eles. Nós fazemos tudo, para que eles saibam conviver, sobretudo, com aquelas situações que não nos são tão favoráveis. A vida tem muitas contradições, e nós, temos que saber lidar com elas. Através do futebol... pode ser dado o primeiro passo. É esse, um dos nossos objectivos!

Este fim-de-semana e para começar o ano 2011, recebemos os Juniores da União F. C. Sousa, da A. F. Porto. Um jogo que chegou ao intervalo, conforme começou: 0-0.

Na segunda metade, logo aos dois minutos de jogo, Bruno, abre o activo. Ricardo Sérgio fez o 2-0; e, o mesmo Bruno, resolveu a questão, fazendo o 3-0; marcando o seu sétimo golo da temporada.

Um jogo bem disputado, mas longe de ser bonito!... □

CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

«Junto envio o meu número de contribuinte para que a oferta conste do vosso ficheiro a enviar às finanças. Leio O GAIATO de fio a pavio, sofregamente.

Assinante 52339»

«O Famoso continua a chegar quinzenalmente com tudo o que é bom. Se quem nos governa o lesse e meditasse, talvez tudo fosse melhor no nosso País. Que, pelo menos, não entrem o vosso trabalho heróico.

Assinante 13747»

«Leio sempre de fio a pavio o nosso querido O GAIATO, que nos enche o coração de uma alegria muito comovida — por vezes, com uma lágrima — pelo que ele nos conta da vida dos gaiatos e de todo o bem que vão fazendo aos que muito precisamos. Cada vez há mais necessitados. Nós — aqueles que não os vamos procurar onde eles habitam — nem nos damos conta de toda a miséria que existe. Obrigado pelo trabalho que fazem, e em que nós também devemos colaborar. Afinal, como eu, só vamos distribuindo, por várias fontes, aquilo que sem grande sacrifício dispensamos.

Assinante 31418»

«Desejando paz, alegria e ânimo para que continuem a fazer grandes coisas, para glória de Deus, enviamos pequeno donativo para ajuda da vossa Obra tão grandiosa.

Assinante 39339»

«Pelo presente envio cheque para ser aplicado na ajuda aos mais necessitados em Portugal. Eu conheço a vossa Obra em Angola e o quanto de bem lá fizeram e continuam a fazer, mas,

neste momento, temos de ajudar os mais necessitados mais próximos. Deus vos ajude pelo bem que têm feito.

Assinante 15638»

«Cada jornal é um universo de ensinamentos e conselhos. É difícil educar. A caminhada não é fácil nem para educadores nem para educandos. Deus ajuda. A vida ensina.

Assinante 22624»

«Que a Luz Divina continue a iluminar os passos dos que caminham na direcção dos outros, de modo a mitigar a dor, sofrimento e solidão. Bem-hajam.

Assinante 45144»

«A minha imensa gratidão pelo envio do Famoso — há já perto de 50 anos. A sua leitura quantas vezes me emociona até às lágrimas. Nos meus quase 90 anos, me pergunto: — Até quando?

Assinante 10100»

«Que o vosso Jornal continue a ser para todos os seus leitores um Raio de Luz e de Esperança, são os votos deste vosso amigo.

Assinante 26506»

«Uma pequena ajuda para uma Obra que há muito admiro e louvo.

Assinante 28283»

«Com gratidão pelos textos tão belos que nos conduzem ao Amor.

Assinante 19020»

«A pequena oferta que envio, devia tê-la enviado antes, como era minha intenção fazê-lo, mas não me foi possível por diversas obrigações, do que peço desculpa. Essa grande Obra que

tantos estimamos e admiramos (e que tão querida era aos nossos Pais, que sempre ajudaram), não podia ser por nós esquecida. Lamentamos não enviar tanto quanto merecem, mas há tanta gente a ter necessidades... O GAIATO enriquece-me espiritualmente e leio-o todo — e alguns artigos mais do que uma vez.

Assinante 9705»

«Esta migalha é dada com muito amor. Que a Família de Nazaré, abençoe o vosso trabalho e toda a vossa grande Família espalhada pelo mundo.

Assinante 79389»

«Como assinante do vosso jornal venho dizer-vos que o leio, sempre deliciada, desde, creio, o número 1. Não fiquei admirados, pois tenho 84 anos e a minha Mãe já convidava para almoçar os gaiatos que o iam vender a Braga, a minha cidade. Ficávamos muito contentes com a presença destes nossos Amigos. Era uma alegria! Os tempos passaram. Casei e fui viver para o Porto e comecei a assinar O GAIATO, em nome do meu marido, já falecido. Nesta cidade, tivemos a felicidade de ouvir Pai Américo, que nos deslumbrou pelo desassombro e verdade das suas palavras, lembrando aos que muito têm o dever, ou antes a obrigação de partilharem com os que nada têm e precisam de tudo e de todos para saírem da miséria extrema onde o infortúnio os levou.

Assinante 26651»

«Sou assinante d'O GAIATO — sempre uma lição, um exemplo de vida e de virtude, uma revelação de amor aos outros.

Assinante 70602»

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Factor de equilíbrio

NUMA cultura digital, em que as pessoas se vão abrindo mais ao conhecimento e às relações humanas, o domínio sobre a Criação pode ser uma ilusão, se a família não for devidamente valorizada.

Superabundam nos noticiários as imagens de catástrofes, como nestes dias a tragédia da lama no Brasil. Vive-se atemorizado com os terrorismos e as suspeitas. A angústia deixou de ser subliminar e avança um estado geral de crise, cujo termo se desgasta e vai atingindo as faixas sociais mais débeis. É essencialmente moral e de metamorfose social, acelerada. São visíveis os interesses das potências económicas e dos lobbies.

Dar a mão, em situações concretas, não são só cifras, mas também atenção aos outros e escuta e partilha de vidas, no encontro pessoal.

Quando pegámos numa sacola negra e puída, com o dístico da Justiça, *factor de equilíbrio*, avivou-se em nós mais um momento de outra conferência judicial

agendada, por via de um pequenito, apelidado ternamente de *Godó*. Numa situação clamorosa, esta Comunidade deixou-se sensibilizar pela necessidade de o receber e trabalhar pelo interesse e bem do menor. Depois da sua boa integração, era chegada a hora da medida de acolhimento.

Passámos o bulício de uma grande artéria urbana e subimos com segurança a escadaria do Tribunal, bem acompanhado pelos nossos colaboradores. A espera foi morosa, mas não dolorosa, devido a um processo que o precedeu. Feita a chamada, na nossa vez, o *emperranço* informático não impediu, em meia dúzia de minutos, a palavra do Meritíssimo Juiz: *Homologo o acordo*. Foi segura e o Sr. Procurador nada teve a opor.

Uma jovem mãe, desenraizada e desempregada, sem condições, aceitou que o menino, de 4 anos, continuasse ao cuidado desta *célula* da mãe Igreja, que não é subsidiodependente. Não é de ânimo leve que uma mulher confia a outrem um fruto seu. Toda

a pessoa conserva *vestígios de amor* que nos torna verdadeiramente humanos.

Poucos dias depois, ficámos a ferver quando, em diálogo sobre outro Rapazito, foi insinuado: — *Vocês são uma Instituição, não uma família...* Esgrimiram-se opiniões e dissensões. Se, neste resto, se quer dar uma Família àqueles que não a podem ter, não fiquemos muito presos ao vocabulário, que o bem é largamente maior do que as estruturas das Instituições. Às vezes, a letra das leis e das técnicas pode ser prejudicial. Contudo, naquela hora judicial, o Magistrado entendeu bem que, no húmus eclesial, a Família é um valor essencial, como em Nazaré da Galileia, indispensável para o equilíbrio social.

Não será preciso deixar de cultivar sicómoros, como Amós, para anunciar as boas notícias. Oxalá que os frutos da Terra e da nossa cultura sejam partilhados, *agora*, pelos filhos e filhas, com a intervenção dos cristãos e sentido de justiça.

O que nos une é bem mais do que aquilo que nos divide. Não nos separemos nós da Família, para não hipotecar este grande factor de equilíbrio da humanidade. □

DOCTRINA

Pai Américo



Visitantes

ONTEM, apeou-se um visitante de sumptuoso carro e entrou na Capela a fazer oração. À saída, veio-me dizer do que se tratava: andava a família em partilhas e que havia de dar uma boa esmola para esta Casa, se as coisas corressem a seu desejo. Dito isto, toma o sumptuoso e retira-se.

ESTA pessoa não conhece. É um materialista a puxar tudo e todos para os seus interesses, até o próprio Evangelho — mas Ele não vai. Tão pouco foi oração o que se passou dentro da Capela.

TAMBÉM duma vez procuraram o Mestre para dirimir justamente uma questão de partilhas: «*Mestre, dizei a meus irmãos que façam partilhas*». E Ele despediu o suplicante, aborrecido. Não foi oração. Oração é doação, mas o nosso visitante não sabe. Não conhece.

UM cristão sincero e de boa vontade teria dito assim: «Olhe, padre, os meus irmãos andam em partilhas. Eu entrei agora mesmo na sua Capela e fiz oração. Pedi a Deus que me desse o verdadeiro espírito de Pobreza, para nunca me prender ao efêmero, nem litigar. Deixo ficar aqui esta quantia para ajuda do pão destes rapazes, como penhor da minha sinceridade. Quero fazer violência, para ser atendido».

MAS não. Aquele senhor não entende assim. Basta ter posto o *se*, para não receber nada. Ele e quantos se propõem fazer negócio com os interesses celestes à maneira dos terrestres. E são tantos os que o fazem! Eu farto-me de pregar por esses púlpitos além contra o ventre. O ventre cega. O ventre obstrui, empana, tolhe, quando dele se faz um deus. E são tantos os que o fazem!

Do livro *Doutrina*, 1.º vol.

* * *

Chegam-nos notícias de que a crise mundial continua a destruir famílias nos países desenvolvidos, e nos países subdesenvolvidos prevêem-se, e já se vivem, grandes fomes. O que será daqueles países que dependem da ajuda internacional ou da solidariedade?!

Com a celebração do Natal muitas pessoas aproveitam para esquecer estes problemas e juntam-se para jantar com a sua família.

Jantares que são, muitas vezes, carregados de nostalgias e, como diz a canção: «sorrir mesmo que a alma chore». Será que deixámos roubar-nos o Natal?

Aqui, na Casa do Gaiato, os rapazes dedicam-se a fazer figuras de barro para representar o Nascimento. Este ano o *pai natal* tinha um presente para Belém. Como todos os anos, chega a hora dos presentes. Aqui dão-se na véspera.

Depois da ceia, dois chefes colocam-se no meio do refeitório e chamam, um a um, para entregar o respectivo presente de natal e o resto da comunidade vai aplaudindo os chamados.

Este ano, como o contentor ainda não chegou, em quase todos os sacos havia um par de meias, um tubo de pasta e uma escova de dentes. Para os mais pequenos,

ofereceram-nos, à última hora, uns carrinhos. No fim, música e baile, como de costume.

No Dia de Natal, a Capela encheu-se de pessoas vindas de todas as aldeias circunvizinhas. Muitas delas carregadas com um pouco de mandioca para oferecer à nossa Casa. Parecia que as paredes iam cair quando começaram a cantar.

Todos sabem que Jesus nasceu e, se veio até nós, é porque valemos a pena. Eles quiseram expressar de um modo sensível o que é repartir o pouco que temos. Depois, comemos na companhia de alguns antigos gaiatos que nos visitaram.

Mas o maior presente do nosso Natal está no «Quinzinho», que no próximo mês de Janeiro será ordenado Diácono e que se oferecerá à Obra da Rua. E Padre Telmo verá realizado um dos seus maiores sonhos: ver um filho a continuar a sua Obra.

Durante estes dias recebemos a visita de muitos antigos gaiatos: Catete, Virgílio... mas o que mais nos comoveu foi a iniciativa de um grupo deles que nos trouxe algumas coisas de que necessitávamos.

Neste momento, o grupo é composto por doze membros, mas esperamos que se unam muitos mais, para que a nossa Casa sinta o calor e o apoio dos irmãos mais velhos. □

MALANJE

Padre Rafael



Oficina de mecânica da Casa do Gaiato de Malanje

AS chuvas acabaram por estragar os repolhos e os tomates, e, se continua assim, vai estragar também o feijão e a beterraba. Mesmo assim, estamos contentes com o crescimento do milho. Durante este tempo de férias, os trabalhos agrícolas aumentaram e, agora, temos um grupo de vinte limpando o café.

Hoje, o Paulo, no Terço, chamou à atenção o Mendes, Mano-Mano e Castemtem, por fugirem ao trabalho. O castigo foi trabalho sobre o trabalho: «Se não fazes o teu trabalho agora, vais fazê-lo três vezes»; outro grupo, que foi expulso da escola, por faltas, vai tirar as ervas ao campo de milho que tem 400m por 100m. Têm sorte, porque são doze os castigados. Finalmente os aficionados pela pesca furtiva, como Boy-Langa, vão lavar a loiça durante uma semana. Não há nada mais educativo do que um castigo bem dado e bem cumprido.

A saúde é sempre um problema, sobretudo porque alguns rapazes escondem que estão doentes. Este foi o caso do Bebo a quem se detectou, há três anos, uma degeneração do fémur e se iniciou um tratamento da enfermidade. Todos pensávamos que havia melhorado durante estes meses. Por fim, os companheiros de quarto começaram a perceber que a ferida estava a começar a cheirar mal. Finalmente, foi Hernani, o chefe-maioral, quem o chamou para que mostrasse a ferida. Tivemos de mandá-lo para Luanda, para fazer exames médicos sérios.

Novamente tivemos de deitar mãos à obra com a exploração de madeira, pois ficámos sem lenha. Neste momento, é a maior fonte de receita, junto com a ajuda económica da Obra da Rua. As dificuldades são maiores, porque com este tempo de chuvas não é fácil entrar na selva. Outro

dia caiu uma tormenta no meio da selva e não éramos capazes de levantar os olhos do caminho para não nos perdermos. Demorámos uma hora e meia a chegar à aldeia mais próxima.

Desta vez foi o Padre Gregório quem faleceu inesperadamente. Era o actual Reitor do Seminário Diocesano de Malanje. Não se conseguia saber sobre as causas da morte. Simplesmente que foi no seu quarto, depois de conversar com as Irmãs. Como demorava muito a chegar para comer, foram ao seu quarto e encontraram-no morto.

Sua vida foi dedicada, em pleno, a este continente africano. Durante mais de 40 anos dedicou-se às tarefas mais delicadas da Igreja, como é preparar os futuros sacerdotes. Especialmente em África.

A sua morte deixou-nos consternados e um pouco mais delimitados, numa terra carente de vocações.

BENGUELA

Padre Manuel António

Parcelas da nossa vida

QUEREMOS ser felizes. Nascermos para a felicidade. Onde está? Na descoberta do caminho, da vocação que Deus pôs em nosso coração para seguirmos em frente. Na medida em que nos sentirmos irmãos uns dos outros e vivermos esta verdade, seremos verdadeiramente felizes. É o nosso caminho. É a nossa vocação humana e cristã. A partilha do que somos e temos deve ser o livro da história de cada um. Deste modo, a nossa vida não será uma palavra vã. As alegrias e as tristezas, as esperanças e as angústias, a pobreza e a miséria dos que nada têm fazem parte da nossa vida. Quem dera!

Ontem, Domingo, subi o morro mais alto do Lobito, com o mini-autocarro cheio de rapazes. O nosso menino mais pequenino, de quatro anos, com outros três, vieram daquele bairro. Estavam felizes por terem saído duma zona miserável que seus olhos reviam. Muitos outros pedidos, daquele lugar, nos batem à porta. É uma inquietação saudável que desejo partilhar com todos, na medida em que o egoísmo não deve ocupar o lugar do amor e da solidariedade.

Antes de começar a escrever estas notas, oito doentes, mães, pais e filhos, seguiram para consulta no posto médico. Análises e medicamentos serão por nossa conta. Queremos que a vida dos outros, em maior necessidade, seja

o tecido da nossa vida. A partilha do que somos e temos é o livro da nossa história. Quem dera cada homem e cada mulher encontrassem a verdade no amor autêntico.

Dentro de dias, esperamos entrar noutra cidade. Vamos à busca de três crianças abandonadas. Queremos dar-lhes, enquanto é tempo oportuno, os meios necessários para o seu crescimento equilibrado. Não sabem o que é a escola, nem uma vida de família capaz de as ajudar. Não podemos esperar mais tempo. Vamos dar-lhes a prioridade, antes de entrarem no caminho da marginalização. A trajetória de muitos destes filhos é a penitenciária, quando crescem no abandono. Por isso, é necessário cortar-lhes esse caminho, enquanto o tempo permite. Queremos abrir-lhes a porta para o futuro de cidadãos normais. Sentimos, sem dúvida, grande alegria, à semelhança da mãe que leva os seus filhos ao colo para os salvar. A nossa Casa do Gaiato quer ser esta mãe. A felicidade verdadeira de qualquer pessoa está no amor que é entrega, doação, sofrimento,

morte geradora de vida sem igual. Vamos para a frente com muita humildade e confiança!

Tivemos, há dias, a nossa reunião de chefes. É o grupo de responsáveis pelas pequenas comunidades que constituem a grande comunidade. Vêm dos próprios rapazes. São as colunas principais deste edifício que é a Casa do Gaiato. A vida da comunidade será o que for a vida dos seus chefes, em parte substancial. Ser luz, foi o apelo da reunião. Cada um é chamado a ser luz para os seus irmãos. A palavra é importante. O exemplo, porém, convence e arrasta para o caminho do bem. Por isso, o grupo de chefes tem uma parte muito importante na ocupação da nossa vida. Quem nos dera ser mais capazes!

Continuamos muito aflitos por causa da falta de emprego para o grupo numeroso de rapazes mais velhos. Com o início do novo ano, a esperança recebe novo vigor. De igual modo, a recuperação das residências para habitação dos rapazes está dependente da ajuda financeira, há muito esperada. Há promessa generosa, guardada no coração de quem muito nos quer. Esperamos a hora do cumprimento. Partilhamos convosco estas parcelas da nossa vida para que, de mãos dadas, caminhemos mais seguros. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Oh!, quão longa e fácil é a estrada por onde caminham os que se perdem, a calcar lágrimas que souberam fazer e não querem enxugar — quão! □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

O Moisés, nosso enfermeiro e gaiato há mais de quinze anos, já disse como foi o nosso Natal. Mas aqui é sempre Natal. Cada um que entra é um novo nascimento. É um acontecimento. Porém, alguns foram a casa e não voltaram.

Um porque a diligência feita, para conhecer a realidade suspeita, foi flagrante. Após a morte da mãe, os avós ficaram com ele, por falta de lóbulos e porque a madrasta não o quer. Mesmo apelando para o seu prestígio de Bispo de uma igreja, que não fixei o nome e tantas há, em desdobração de nome por aqui, acabou por reconhecer que era seu filho e que lhe competia, a ele e só, cuidar do filho e resolver o problema com a família da outra mulher. Estava muito atarefado porque tinha de ir para um funeral de uma familiar da Sra. Presidente da Assembleia da República de quem é parente. Até aí podemos saber, porque mais não interessava. É o bastante para nós que o rapaz tenha pai e este pode e deve resolver o seu problema.

Outro, filho de, alto funcionário do Estado, tendo um tio recebido avultada soma para o funeral, quer tomar-lhe a boa casa que o falecido deixou e a pensão a que tem direito. Arrumar a criança aqui para usufruir dos seus direitos, não é justo e procurem a quem de

direito. Já nos bastam os problemas que cada um carrega consigo. Há um outro que temos de conquistar à rua, mas os amigos que lá deixou atraem-no tanto que não se sente aqui bem.

Outro dos que trouxemos da rua a passar o Natal connosco, de regresso a casa, onde não ia há muito, por maus tratamentos da madrasta, o pai passou-o para Inhambane, junto do avô para ir pastar cabritos. É assim que tantas crianças andam desenraizadas, traumatizadas, jogadas por interesses económicos dos progenitores. Sozinhas neste mundo, onde os direitos da criança se pisam debaixo dos pés, e os responsáveis levantam a cabeça de pessoas de bem. Há miséria ainda maior a que só a ignorância, a fome extrema, a desumanização, podem levar. Aquele que tentou vender o filho por uma qualquer quantia a quem o quisesse levar, é um sintoma. Este foi apanhado nas malhas, mas quantos outros são sacrificados para feitiçaria, ou para venda de órgãos, como tantas vezes foi apregoado, que até a lei de adopção tomou tal rigidez que qualquer estrangeiro deleitado com um bebé abandonado por mãe enganada e desconhecida, digo um estrangeiro com boa posição social e bem intencionado, não consegue.

Vivemos de coração esmagado com tantos problemas, e não podemos deixar que outros abortem a sua responsabilidade social, descarregando em nós a sua, ou sem que isto é um colégio para meninos. Temos de pôr sempre os pontos nos ii e afirmar que somos e permaneceremos uma família para os que a não têm. Percaços haverá sempre. Vem a propósito dizer que este ano saíram mais dez para cursos médios em Institutos Industriais e com internato. Antes que chegasse a hora da partida estiveram reunidos com dois professores, nossos também, que fizeram seus cursos em internatos, para com eles partilharem a sua experiência e saírem de consciência formada. Claro que também estive com eles e até celebrei a Santa Missa para lhes falar da importância de acompanhar o crescimento intelectual com a formação religiosa, senão saem dali às escuras para a vida adulta e farão parte da multidão de desempregados que já avulta neste País. Não têm mentalização nem formação moral para o trabalho que nobilita.

Igualmente os novos chefes tiveram dois dias de reflexão, para assumirem melhor seu lugar. Nós somos uma família, onde os irmãos mais velhos assumem um papel importante. Por isso tudo o que pode ser feito por eles, ninguém mais o fará, como deixou escrito Pai Américo que lá da região da Luz vela por nós. □

O homem

É a paixão de Deus. Porquê? Que há nele de interessante, de amável, que possa explicar a atenção de Quem é infinitamente perfeito e livre, para esperar dele agrado? É um mistério de que só vejo uma abertura para penetrar na sua compreensão: é o homem a criatura à Sua imagem e semelhança — a única, a quem dedicou todas as outras criaturas. Deus ama no homem o que nele faz; e espera dele o que ele há-de fazer no exercício da sua liberdade, que é a parecença maior com o Criador. Como arquitecto que concebe uma obra de arte e se encarrega de toda a estrutura fundamental e deixa a outros orientações e meios para o acabamento que a tornará plena de beleza e de eficácia para ser exposta e oferecida a quem a destina!

Tudo seria fácil se a harmonia da Criação não fora ferida. Foi. Mas Deus não desistiu. «Quando, por desobediência, o homem perdeu a Vossa amizade, não o abandonaste ao poder da morte; antes com bondade a todos socorreste, para que todos aqueles que Vos procuram, Vos encontrem» — assim reza a belíssima Oração Eucarística IV, que continua a descrever as acções de Deus ao longo da História da Salvação, mediante os Patriarcas e os Profetas, até que, «chegada a plenitude dos tempos, nos enviaste como Salvador o Vosso Filho Unigénito, feito homem pelo poder do Espírito Santo».

Este é o nosso tempo. Já que a natureza enfraquecida do homem não lhe proporcionava a correspondência à grandiosa delicadeza do plano salvífico de Deus, que, sendo absolutamente gratuito da Sua parte, quer dar aos homens a oportunidade de se dignificarem por merecimento seu, veio «o Filho viver a nossa condição humana, em tudo igual a nós, excepto no pecado» (Or. Euc. IV) para «fazer a vontade do Pai» (Salmo 39): que «a Sua Salvação chegue até aos confins da terra» (Is 49-6).

Esta partilha da nossa condição humana por Jesus Cristo, se é assunção histórica de nova natureza pela eterna Pessoa Divina, dá aos homens a possibilidade de transfusão do divino para o humano, capaz de compensar, quando não mesmo eliminar fragilidades naturais que o pecado provocou. Cristo é companheiro de luta e fonte de Graça. A Sua palavra ilumina o nosso caminho; os Sacramentos que nos deixou, são energia para o nosso caminhar. Orientações e meios, de que falo atrás, para podermos realizar a parte que nos compete na nossa própria Salvação: dar acabamento à obra que Deus faz em cada homem com o Seu amor primeiro que chama pelo nosso, a exprimir em práticas do Bem que são a melhor garantia para evitar o mal. N'Ele Deus Se faz próximo dos homens — o mais próximo dos Próximos. Faz-Se achar por «todos aqueles que o procuram de coração sincero» (cf Or. Euc IV). Este é o primeiro passo para «conhecermos o amor que Deus nos tem e acreditarmos nesse amor» (1 Jo 4-16).

Padre Carlos

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

que os meus pais fizeram com muito trabalho e sacrifício, para que se lembrem deles nas vossas orações e, também da minha parte o meu subsidio de Natal da minha pensão para dar algum conforto a quem mais necessita. Ao todo 777» — é um leitor assíduo d'O Património dos Pobres e um amante da Pobreza.

Amigos, de Castelo Branco, 750. Mais 350, de Setúbal e de Cascais. De Tomar, 800, para a assinatura do jornal, o Património, para a Conferência de Paço de Sousa e Casa do Gaiato de Setúbal.

Assinante 7125, de Lisboa, 410. Quinhentos, do António e da Maria de Lurdes, de Lisboa; de São Martinho de Arvore, Maria Célia, de Penha Garcia, de um cardiologista e outra médica causticada com enganos, a alertar para que me não deixe levar pelo coração.

Sim, o coração pode atraí-los, mas a experiência é longa e a inteligência das situações vasta, além de irmos averiguar presencialmente. Muitas vezes, é pior. O coração despedaça-se perante condições inimagináveis.

Mil do Adelino, de Coimbra, da Celeste, de Miranda do Corvo, da Maria José, de Coimbra, da Isabel, de Lisboa, do António, de Vila Nova de Gaia, da Maria Guilhermina, de Lisboa, a dizer: «Uma lembrança que o Deus dos Pobres me segredou para enviar». Mil, do José Alberto, de Lisboa e do Joaquim, do Porto.

Cinco mil, do Guilherme, sempre atento ao GAIATO. Mais, 1500, por três vezes, do Tiago. Dois mil, da Maria Irene, da Alemanha. Mil e quinhentos, de um padre de Coimbra e mais mil, por duas vezes, da Maria Luísa, de Lisboa.

Não é verdadeira a presença de Deus nas pessoas que me ajudam e nas que, por mim, são ajudadas?... Àquelas, após conhecer a verdade dos seus lamentos e com o conforto do auxílio, acrescento: — *Deus veio ao seu encontro. Estes valores provêm de pessoas crentes que o fazem com sacrifício e muitas renúncias. Dê graças a Deus e aproxime-se da sua Igreja.*

Recuso-me a ser funcionário, anseio por ser apóstolo.

Esta é a maneira mais eficaz de evangelizar os Pobres e o sinal mais convincente de que Jesus vive. □